

PRODUÇÕES LEXICAIS E RELAÇÕES DE SENTIDO EM RELATOS DE VIAGEM DOS CONQUISTADORES CRONISTAS NA OBRA *SERTÕES DE BÁRBAROS*

Sandra Mara Souza de Oliveira Silva¹
Alexandre Melo de Sousa²

RESUMO

Neste artigo, objetivamos discutir os aspectos léxico-semânticos presentes no vocabulário dos conquistadores cronistas constantes nos relatos de viagem da obra *Sertões de Bárbaros* de Auxiliomar Silva Ugarte. Tal discussão traz à tona o debate de cunho linguístico evidenciando o desempenho do homem, enquanto usuário da língua, articulando a linguagem, nomeando os objetos, entidades e processos que existem e acontecem no mundo. Para tanto, situamos a discussão no campo da Lexicologia, ancorando-nos nos estudos de lexicólogos tais como: Biderman (198, 2001); Isquierdo (2001); Basílio (2005); Calçada (2004); Lima (2007); da especialista em literatura amazônica S. Lima (2011), da especialista em literatura comparada Pratt (2014); do historiador Ugarte (2009). Assim, frisamos como o conquistador cronista dialogou com o meio e com os seus interlocutores europeus através das crônicas e também discutimos como o autor abordou as estratégias discursivas intrínsecas nas referidas crônicas. Discutimos como o homem opera os mecanismos linguísticos tanto nos níveis lexical como textual.

Palavras-Chave: Lexicologia; Linguagem; Discurso; Amazônia; Nomeação.

ABSTRACT

In this article, we discuss the lexical-semantic aspects present in the vocabulary of the chroniclers conquerors in the travel accounts of Auxiliomar Silva Ugarte work *Sertões de Bárbaros*. This discussion brings out how men, as the language users, articulates the language, naming objects, entities and processes that exist and happen in the world. To do so, we place the discussion in the field of lexicology, anchoring in lexicologists studies such as Biderman (1987, 2001); Isquierdo (2001); Basílio (2005); Calçada (2004); Lima (2007); the specialist in Amazonian literature S. Lima (2011), the compared literature expert Pratt (2014); the historian Ugarte (2009). Thus, we stress how the chronicler conqueror dialogued with the environment and with its European partners through the chronicles and also discussed how the author addressed the intrinsic discursive strategies in the referred chronic. we discuss how the man operates the linguistic mechanisms in both the lexical and textual levels.

Keywords: Lexicology; Language; Discourse; Amazon; Naming

Considerações iniciais

¹ Sandra Mara Souza de Oliveira Silva, mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco-Acre – Brasil. E-mail: sandramaravilha2010@gmail.com.

² Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa, professor de Linguística da Universidade Federal do Acre (UFAC). Rio Branco-Acre- Brasil. E-mail: alexlinguista@gmail.com.

Os relatos de viagem dos conquistadores cronistas, neste trabalho, são textos documentais utilizados como fonte de análise linguística voltada para a produção lexical, bem como para as relações de sentido que se entrelaçam na prática discursiva que constrói e/ou modifica uma dada realidade. A discussão tecida neste artigo pautou-se na Lexicologia, uma vez que, segundo Isquierdo (2007, p. 10), tal campo de estudo direciona-se para a análise e descrição de produções lexicais que envolvem a unidade lexical em si e as diversas formas de nomeação.

Desse modo, neste artigo, iniciamos a discussão, evidenciando o ato de nomear, ressaltando os mecanismos de criações lexicais, discutindo seus aspectos formais e semânticos. Para tanto, explanamos acerca de alguns aspectos intralinguísticos e extralinguísticos tais como: a influência do contexto histórico; das circunstâncias vivências que envolveram os interlocutores; as particularidades do signo linguístico que possibilitam a expansão do léxico; a criação lexical por analogia; a perspectiva da Lexicologia construcionista. Em outras palavras, discutimos os aspectos lexicais em consonância com as práticas discursivas. De forma que nosso objetivo incidu em observar a interface Linguagem, sociedade e diversidade amazônica.

Destacamos o ato de nomear presentes nos textos da obra *Sertões de Bárbaros* com intuito de discutir as relações e produções lexicais como recursos linguísticos inerentes ao discurso colonizador, já que a discussão se dá em torno dos relatos de viagem dos conquistadores da “Amazônia”³. Nesses relatos, há uma gama de nomeações referentes às árvores, às aldeias, aos rios, etc. Isso nos instiga analisar a relação homem/cultura/linguagem.

A linguagem/ construção da realidade/ ato de nomear

De acordo com Biderman (1987), o ato de nomear incide na ação humana de classificar objetos e seres, por meio de critérios contrastivos que os diferencie, marcando sua individualidade em meio às demais entidades, ou seja, o homem necessita nomear os objetos e entes em geral para estabelecer relações interativas com o mundo. E para operacionalizar tal mecanismo, recorre à competência linguística que o permite relacionar simultaneamente conhecimento, produção lexical e o ato de nomear. A esse

³Neste texto, o nome “Amazônia” está grafado entre aspas para pontuar que a utilização, no contexto do século XVI, ainda não havia sido convencionado como nome daquele espaço geográfico.

respeito, Biderman afirma que “ao nomear, o sujeito se apropria do real como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo na Bíblia, em que Deus incumbiu ao primeiro homem dar nome a toda criação e dominá-la” (BIDERMAN, 1987, p. 81).

Para a autora, a atuação do falante em meio social é relevante porque as suas escolhas linguísticas implicam construção e apropriação do conhecimento, tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Isso se dá porque o homem percebe o mundo por meio de mecanismos mentais, construindo impressões diversas e, para expressá-las, recorre ao ato de nomear. Ao nomear objetos e entidades diversas, ele gera o léxico a partir de sucessivas percepções, impressões e expressões da realidade. De modo que ao gerar o léxico, gera também conhecimento e, conseqüentemente, estrutura o mundo (BIDERMAN, 1987, p. 81-82).

Assim, a partir desta premissa de que homem estrutura e constrói o mundo por meio da linguagem, ressaltamos a “Lexicologia construcionista”, viés de estudo proposto por Lima (2007) que afirma ser este um viés de estudo linguístico que aborda a função construtiva da língua. Sendo que essa construção se efetiva quando os sujeitos falantes ao se comunicarem interferem na realidade social a ponto de modificarem-na. Essa relação homem/meio social/ linguagem suscita no indivíduo um estado psíquico tenso devido ao fato de o falante sentir-se instigado pelos acontecimentos da realidade. Diante disso, o usuário da língua desenvolveu estratégias para minimizar essa tensão, interagindo com o meio, numa acepção de negociação contínua com a realidade social, com o intuito de dominá-la. Assim, o homem significa o mundo por meio de elementos linguísticos, buscando evitar que a subjetividade dele seja abafada pelas circunstâncias impostas pela realidade (LIMA, 2007).

O autor supracitado destaca que a estratégia de significar o mundo implica atribuir significações aos referentes (objetos e entidades), designando-os. Cabe ressaltar, que essa estratégia é denominada estruturação onomasiológica. Conceito este que indica o processo cognitivo que se inicia com formulação mental de determinado aspecto de um referente e culmina com a determinação de um nome para tal impressão. Assim, o sujeito falante desencadeia um processo cognitivo, fazendo jus à capacidade de articular os elementos do sistema linguístico para expressar verbalmente as impressões captadas do mundo, atribuindo nomes, designando os referentes (objetos, coisas) (LIMA, 2005 *apud* LIMA, 2007).

Contudo, para Lima (2007), essa estruturação não se atém, simplesmente, em designar o referente, pois quando o sujeito falante, motivado pela circunstância contextual, determina um nome para uma dada impressão que absorveu do meio social, automaticamente, ele também exerce o poder de ressaltar, ou não, um determinado aspecto do referente da maneira que lhe convier. E, assim, se efetiva o processo de simbolização do referente, em que o sujeito falante o faz, utilizando-se de recursos discursivos. Destarte, a abordagem pautada na Lexicologia construcionista visa examinar como ocorre esse processo de designação e de resalte do referente (LIMA, 2007).

Entretanto, Lima (2007) ressalta que a função simbólica das expressões no texto/discurso ocorre concomitantemente com a função pragmática que consiste na prática de uso da língua. Quando a subjetividade do sujeito falante entra em choque com aspectos da realidade social que o incita a posicionar-se ante a dada circunstância, ele recorre ao ato de simbolizar para evitar a tensão psicossocial promovida por esse “choque” (LIMA, 2007, p. 128). Neste sentido, Ugarte (2009) diz:

[...] Na condição de pioneiros de uma imensa região desconhecida, os amazonautas guiavam-se por seu empirismo, o que não lhes permitia avançar além das inferências de sua capacidade perceptiva... [...] E quando frei Carvajal à medida que acreditou identificar ambientes similares ao da Espanha, registrou-os conforme a dimensão cognitiva-expressiva, pela qual os tornava familiares para si e seus leitores (UGARTE, 2009, p. 235).

Desta forma, vemos que o ato de nomear observado pelo prisma do uso cotidiano da língua, incide num processo corriqueiro realizado simples e naturalmente. Contudo, diante da possibilidade de construção e reconstrução da realidade a partir do ato de nomear, pode-se vislumbrar a relevância da linguagem para a manutenção da existência humana, uma vez que a linguagem oferece ao homem a sensação de domínio da situação diante das circunstâncias instigantes da vida cotidiana.

Enquanto, o homem, como agente nomeador, produz conhecimento processando, cognitivamente, informações obtidas do/no mundo externo/real, imprimindo sua subjetividade por meio de “nomes”. O conhecimento produzido reveste o homem de poder, visto que, ao nomear, ele tem a sensação de capturar a realidade,

essa captura é executada por vários indivíduos de uma mesma comunidade linguística de modo que cada captura do real é permeada por subjetividades do capturador.

É por isso que o léxico, conjunto de palavras/nomes de uma dada comunidade linguística, é uma dimensão linguística que se configura numa espécie de “lugar virtual” permeado de traços culturais e históricos de um povo, bem como uma “dimensão linguística” em constante modificação, justamente porque as nomeações não cessam enquanto houver interação do homem com meio em que vive.

As peculiaridades do código linguístico

Biderman (2001) diz que o sujeito falante ao comunicar-se por meio da fala ou da escrita enfrenta um dilema paradoxal no tocante à liberdade ante ao uso da linguagem. Tal paradoxo se deve ao fato da língua ser um construto social; convencional; ao qual o sujeito é envolvido desde tenra idade. Isso nos faz acreditar que falamos o que queremos e como queremos. Mas o fato é que a língua, em funcionamento, entrelaça peculiaridades do sistema linguístico com a criatividade do falante, numa acepção de cooperação mútua. Vejamos mais especificamente o que diz Birdeman (2001) no seguinte excerto:

[...] Será o falante um indivíduo livre quando fala ou escreve? Pela ampla discussão anterior, tudo leva a crer que não. De fato, sua liberdade no uso da linguagem é circunscrita, por ser a língua um fenômeno social. Além disso, os condicionamentos da fala e da estrutura da língua impõem ao indivíduo um complexo mecanismo de automação no exercício da linguagem. Mais ainda: sendo a língua uma instituição herdada, o indivíduo não cria o sistema convencional de comunicação que recebeu por herança e adotou desde a infância, inconscientemente. Contudo, todos nós temos a ilusão de sermos livres ao expressarmos-nos porque dizemos o que queremos e aparentemente como queremos [...] (BIDERMAN, 2001, p. 10-11).

Ainda no mesmo viés, Biderman (2001) assinala que nos níveis sintático e lexical, temos mais liberdade, concedida pela possibilidade de combinação. No nível morfológico, a liberdade diminui e, no fonológico, se torna quase nula. A possibilidade combinatória é a chave-mestra do sistema linguístico, uma vez que os fonemas, os

morfemas, os lexemas, os sintagmas e as frases podem ser combinados de múltiplas maneiras na formação do discurso. Mas é no e do léxico que emana toda a rede virtual de combinações, visto que ele é vinculado ao conhecimento universal e se expande concomitantemente com a expansão do conhecimento. De modo que a produtividade lexical implica produção de conhecimento e vice-versa (BIDERMAN, 2001, p. 10-11).

A partir das asserções, dizemos que no que concerne às peculiaridades do signo linguístico, o sujeito falante opera vários mecanismos linguísticos ao mesmo tempo, mas não pensa sobre essas especificidades. Ele, simplesmente, processa cognitivamente as experiências e as expressa sem tomar consciência dessa gama de mecanismos. De modo que as “quebras” do signo linguístico, as combinações entre radicais e afixos são mecanismos que permitem a expansão, renovação do léxico. Por meio do léxico, o sujeito falante constrói e modifica a realidade, numa aceção de ação recíproca entre produtividade lexical e produção de conhecimento.

Léxico/criação lexical/ produtividade e criatividade lexical

De acordo com Correia e Almeida (2012), a produtividade lexical é o processo de construção de palavras vinculado, especificamente, aos mecanismos intralinguísticos, em que o sujeito falante operacionaliza o sistema linguístico de maneira inconsciente e sistemática. Contudo, a criação lexical, por intermédio da criatividade, segue o viés contrário ao da produtividade, uma vez que a criatividade incide numa atitude consciente por parte do falante. A criatividade está atrelada diretamente à capacidade de expandir o sistema linguístico por meio de abstrações, comparações motivadas por fatores sociais/extralinguísticos, ou seja, a produtividade lexical vincula-se à peculiaridade do sistema linguístico no que diz respeito à expansão lexical, enquanto a criatividade lexical vincula-se à competência linguística do falante.

Nesse contexto de criação lexical, destaca-se a incidência do neologismo. Correia e Almeida (2012) afirmam que os neologismos podem ser, basicamente, de cunho estilístico e denominativo, sendo que o primeiro ocorre em situação de conversação imediata, em que o locutor precisa de palavras para suprir uma necessidade comunicativa apelativa. Já o segundo, é vinculado ao ato de nomear novas realidades.

Nesse sentido, ressaltamos a relevância do léxico no que concerne à expansão do sistema linguístico, pois é no nível lexical que ocorrem as criações tanto por produtividade como por criatividade, pois, segundo Biderman (2001), a criação lexical ocorre no plano do léxico que é um nível linguístico de caráter abrangente, expansivo, que estabelece liame entre língua e cultura. Isso se dá porque o léxico é considerado patrimônio vocabular herdado, significando dizer que o léxico perpassa gerações, uma vez que os indivíduos ao ingressarem (nascerem) na comunidade linguística já encontram um sistema lexical em funcionamento. Então, os atos comunicativo e enunciativo permitem que os falantes atualizem o acervo lexical de maneira livre e ininterrupta. Assim, percebe-se uma dinamicidade intensa no sistema linguístico quanto à criação de novas palavras.

Construção lexical por analogia

Basílio (2009) afirma que o mecanismo de construção lexical por analogia é diferente das regras de formação de palavras (RFPs) porque a construção lexical regida pelo princípio de analogia foge ao sistema de regras pré-estabelecidas. Contudo, não as rechaça. O referido mecanismo permite um deslocamento do foco em relação ao léxico, no sentido de não concebê-lo apenas como uma “interface conhecimento/comunicação/estrutura, mas como um intermezzo no qual atuam fatores não lineares inerentes à criatividade lexical” (BASÍLIO, 2009, p. 20).

Essas situações de nomeações, em que o referente é significado por similitude com outro referente, incide em construção léxico/semântica por analogia. Tal fenômeno é relatado por Ugarte (2009) da seguinte forma:

[...] comportou-se como os demais expedicionários, ou seja, de modo analogístico, com forte viés utilitarista. Nem poderia ser de outro modo, pois, segundo vimos, todos necessitavam buscar similitudes que tornassem aquele ambiente menos estranhos para si mesmos (UGARTE, 2009, p.261).

Respaldados pelas assertivas tecidas por Basílio (2009), no que tange à produtividade e criatividade lexical, dizemos que devido ao conquistador cronista ter estabelecido diálogo com seu interlocutor, situado num ambiente em que a realidade não correspondia diretamente aos preceitos cognitivos que eles detinham, o conquistador cronista usou a estratégia de nomear tais objetos e/ou entidades,

associando-os aos de sua cultura, numa acepção de construção lexical por analogia. Consoante Ugarte (2009, p.42) “[...] denominaram certas aves como sendo perdizes, pavões; felinos foram chamados de leões; o arroz aquático foi nomeado como aveia [...]”

Esse contexto de diálogo com um mundo desconhecido favoreceu a produção lexical por analogia, pois, segundo Ugarte (2009), no texto *Promessas de uma flora exuberante* os vocábulos utilizados por Diogo Nunes, no que concerne aos animais da floresta amazônica são representados pela expressão: *carnes monteses*, porque a palavra *monte* significava mata, floresta. De modo que a expressão, *carne monteses*, designava carne de animais da floresta “Amazônica” tais como: veado, porco do mato, pato, etc.

Dessa forma, a recorrência à similitude em que o falante manipula tanto o significante quanto do significado incide no mecanismo de construção que evoca a competência criativa do sujeito falante. A esse respeito, cabe citarmos Basílio (2009, p. 17) que afirma: “[...] o mecanismo por analogia capta a competência do falante no sentido de recuperar o significado e condições de operação semântica de regras, digamos, de morfologia morta e semântica viva”.

Construcionismo em níveis lexicais e textuais

Conforme Lima (2007, p. 127), um item lexical não abarca os vários conceitos que permeiam a dimensão linguística. Por isso, o autor adota o termo *expressão* para aludir aos elementos linguísticos mais abrangentes que o item lexical, em contextos discursivos.

Partindo do nível de unidades lexicais até níveis mais amplos, como as expressões que permeiam o campo do discurso e funcionam como elementos de deslocamentos de sentidos, destacamos algumas estratégias expressivas no texto de Ugarte (2009) no qual consta que Frei Gaspar de Carvajal escreveu *Relación*, com intenção bem definida, explícita tanto no plano do discurso, quanto no plano da história. Desta maneira, apontamos o caráter testemunhal explicitado pela escrita em primeira pessoa. Vejamos o que Ugarte (2009, p.49) diz a esse respeito. [...] “O caráter testemunhal, que marca o relato de frade dominicano, aparece no uso gramatical constante da primeira do singular e da primeira pessoa do plural [...]”.

Quanto às expressões constantes nos relatos do Frei Gaspar de Carvajal, aludimos ao fato de que o Frei recorre, muitas vezes, ao lema: “servir a Deus e a Sua Majestade”. Vale ressaltar que essa expressão também era o lema da expedição de Gonzalo Pizarro rumo ao *País da canela* [...] (UGARTE, 2009, p. 52). Para Ugarte (2009), o lema funcionava como manobra discursiva para reafirmar a aliança com o rei, evocando o teor político da religiosidade para manutenção da relação com o rei como também para manter a lealdade de seus tripulantes, dado o contexto de embate político, em que havia a necessidade de manutenção da relação entre comandante e comandados. Nesse contexto, o Frei precisava manter o poder de comando, já que o discurso religioso interferia no comportamento dos indivíduos, de modo a guiar suas atitudes e modificar a realidade.

O fato é que, em tais narrativas, é perceptível a postura etnocêntrica dos conquistadores. Segundo Silva (2005), “etnocentrismo” significa estranhamento advindo do contato cultural entre povos distintos, em que um dado povo julga a cultura do “outro” impondo parâmetros de sua própria cultura.

A postura etnocêntrica na criação lexical ratifica-se no fato de que no texto de Ugarte (2009), verificamos registros de alguns vocábulos da cultura indígena, mais precisamente, do “tronco linguístico Aruak, como por exemplo, “taíno” para designar milho (UGARTE, 2009, p. 260). Isso corrobora a existência de contato linguístico entre colonizador e indígenas, mas o colonizador, etnocentricamente, ignorou a cultura linguística do indígena e a interpretou a partir de seus valores.

O etnocentrismo, também, se configura por meio do discurso religioso explícito nos relatos de viagem. É a influência mais veemente no sentido de sobrepor a cultura europeia à cultura indígena, impondo o cristianismo como o único direcionamento viável para que os indígenas saíssem da condição de “bárbaros”, no sentido de incivilizados e passassem ao patamar de civilizados. Estabelecia-se, assim, a dicotomia civilização e barbárie. Para Ugarte (2009), que o imaginário amazônico foi construído num contexto social de puro embate ideológico. As narrativas orais de cunho maravilhoso sobre as riquezas da região funcionaram como argumento persuasivo no convencimento de adesão de homens às causas expedicionárias.

Expressões como *carnes montenses*, *país da canela*, revelam, *a priori*, a ideologia econômica permeando o discurso de Diogo Nunes, pois a expressão *carnes monteses* denuncia a intenção consumista e comercial para com os recursos extrativistas

da floresta. A expressão *país da canela* originou-se, a partir da crença da existência de uma plantação de canela enriquecedora, já que a referida especiaria tinha alto valor comercial na Europa (UGARTE, 2009). Estes exemplos coadunam com a ideia *construcionista* (LIMA, 2007) abordada anteriormente, na qual o sujeito falante nomeia o referente e, movido pelas circunstâncias contextuais, ressalta um determinado aspecto do referente.

Dessa forma, segundo Ugarte (2009), os conquistadores cronistas dissertaram sobre o novo mundo, nomeando conforme seu vocabulário e sua cultura, por exemplo, referiam-se às aldeias, usando o vocábulo *Províncias*. “[...] sobre a chamada província de São João [...] ela recebeu o dito nome porque os espanhóis adentraram-na no dia de São João Batista [...]” (UGARTE, 2009, p. 234).

A expansão do léxico vinculada à atuação do sujeito falante interagindo com o mundo, pode ser identificada no texto em pauta, por meio dos neologismos *amazonautas* (UGARTE, 2009, p.45) e *marañones* (UGARTE, 2009, p. 59), nomes que designavam os conquistadores que viajavam pelo rio. O nome *amazonautas* é composto por aglutinação dos nomes *amazonas* e *nauta*, sendo que *nauta* é palavra oriunda do latim que significa navegante ou marinheiro. É interessante assinalar que o termo *Amazonauta* coincide com o termo *internauta* que remete à navegabilidade também, mas em contexto e cenários distintos, o que corrobora a assertiva de Biderman (2001) acerca do processo cognitivo *cognição da realidade* segue um modelo de classificação e estruturação do léxico herdado socialmente.

A menção a este fato evidencia a liberdade que o falante detém de combinatória e associação de radicais e afixos, ressaltando como o falante articula com o léxico ao produzir conhecimento e como as interações do falante com o meio e com o tempo histórico refletem-se no léxico. Além disso, é possível também, perceber, no léxico, a interface social/ histórica/ cultural de uma dada comunidade linguística e, sobretudo, os mecanismos da produtividade lexical.

Ugarte (2009) trata, também, da descrição climática tecida pelos conquistadores cronistas no que tange ao fenômeno da friagem que induziu os cronistas ao erro. A maioria dos cronistas descreveu o clima amazônico como sendo uma contínua primavera, afirmando que o clima temperado era propício para plantação de frutas e criação de gado. Contudo, vale ressaltar, que houve discurso no sentido contrário, pois houve descrição de clima muito quente e lugar inóspito. Tais contrastes trazem a

suspeita de que, talvez, tais posicionamentos pudessem estar sendo regidos por interesses políticos de colonização (UGARTE, 2009).

Inferimos que o discurso de uma contínua primavera, de Ugarte (2009), contribuiu para a construção do imaginário da “Amazônia” associada ao jardim do Éden. Criando a ideia de paraíso na terra. Nesse sentido, percebemos a religiosidade, permeando os discursos e as nomeações de espaços geográficos, como por exemplo, *província de São João*, citado acima.

No texto “Promessas e Problemas de uma flora exuberante”, Ugarte (2009) aborda a construção do imaginário sobre a inesgotabilidade dos recursos vegetais da Amazônia, ratificado em catalogação da flora, da fauna, em anotações sobre a cultura indígena, sobre as técnicas de trabalho indígena. Vale ressaltar que este trabalho se deu num contexto em que os conquistadores cronistas atuaram de modo empírico, que segundo Biderman (2001), consiste numa estruturação cognitiva na qual o indivíduo segue “modelos e os usos de sua comunidade linguística” (BIDERMAN, 2001, p. 182). Nesse contexto, é válido discutir sobre os mecanismos de produções lexicais e relações de sentido com os quais o usuário da língua operacionaliza.

Produções lexicais e relações de sentido

Conforme Calçada (2004), o significado dos itens lexicais está ligado ao contexto de uso e de funcionamento, no que se refere ao processo de conceptualização e de denominação, numa acepção de comunicação e práticas discursivas. Logo, é natural a transitividade das palavras pelos vários subcampos semânticos, de modo que a alteração dos significados dessas palavras, em nível lexical e textual, oscile entre os níveis moderado e radical. Ou seja, é natural que, no ato de nomeação os significados das palavras mudem. Neste contexto, a competência linguística do leitor é o eixo propulsor de ativação dos mecanismos de reconhecimentos das categorizações e conceptualizações organizadas pelo autor do texto oral e/ou escrito, já que tal competência é necessária para que o leitor relacione as operações lógicas às atribuições de sentidos, numa perspectiva de alargamento das significações das palavras vinculada à interpretação (KLINKENBERG, 1996 *apud* CALÇADA, 2004, p. 66-67).

As discussões tecidas sobre as relações e produções lexicais, nos textos de Ugarte (2009), seguem uma abordagem de diálogo entre os conquistadores cronistas, os

reis e comunidade intelectual que tinham acesso aos relatos de viagem. Entretanto, ressaltamos também as construções lexicais que explicitam o diálogo que o autor da obra “Sertões de Bárbaros” estabelece com os relatos de viagem, pontuando algumas das asserções de cunho linguístico que o autor faz com relação aos relatos.

Ugarte (2009) explicita algumas expressões usadas na conversação entre os indígenas e os expedicionários, como por exemplo, [...] “ao saber que baixando o Coca durante dez dias, haveria mantimentos para os expedicionários [...]” (UGARTE, 2009, p. 41). A expressão *baixando o Coca* é um exemplo de produções lexicais e flutuação de relações de sentido, em que o contexto e a interação dos interlocutores são essenciais para o estabelecimento da comunicação, uma vez que o sentido da palavra “baixando”, naquele contexto, se altera de forma moderada, sutil, pois indica a ideia de direcionamento, não se distancia muito da significação do verbo baixar, constante no dicionário. De modo que a referida expressão só faz sentido para o leitor, caso ele tenha conhecimento do contexto em que o nome *Coca* designa um rio. Esse exemplo mostra como o leitor opera com a logicidade, controlando as alterações de sentidos das palavras.

Outra produção lexical pode ser vislumbrada no seguinte exemplo: “[...] Orellana queria escolher cinco espanhóis, mais dois negros e alguns índios remeiros [...]” (UGARTE, 2009, p. 51). Ugarte (2009) tece considerações acerca de duas versões do texto *Relación* de Frei Gaspar de Carvajal, uma versão editada por Toribio de Medina e outra transcrita por Gonzalo Oviedo. Sobre esta última, Ugarte (2009) diz:

Na *Relación* contida na obra de Oviedo, acham-se melhores descrições das paisagens e das sociedades indígenas amazônicas; comentários mais demorados sobre os eventos da viagem; citações bíblicas e autores greco-romano; uma sequência cronográfica bem delineada, cujos marcos principais vinham do calendário litúrgico (UGARTE, 2009, p. 46).

Tal citação corrobora a tese sobre a origem do nome “Amazonas” ser oriundo da mitologia grega e, também, a questão do entrecruzamento entre discursos distintos nos relatos de viagem em pauta, assuntos já abordados neste artigo. Mas, o ponto que queremos ressaltar é o da existência de duas versões do texto *relación* de frei Gaspar de Carvajal, pois, segundo Ugarte (2009), a questão de existir duas versões traz à tona a problemática inerente a reescritura do texto, porque o manuseio de um único texto por

copistas distintos suscita uma problemática voltada para as discrepâncias que incidem, especificamente, nos campos da fraseologia e do conteúdo.

Tais discrepâncias estão atreladas tanto à significação que o locutor atribui ao item lexical quanto à ressignificação que o interlocutor realiza. Em outros termos, as duas versões implicam num campo de estudo contrastivo, no sentido de analisar os vários mecanismos linguísticos envolvidos nestes dois textos.

Em suma, entrecruzando as asserções mencionadas; com a leitura dos textos sobre os relatos de viagem da Obra *Sertões de Bárbaros*, inferimos que o ato de nomear foi naturalmente executado pelo conquistador cronista, visto que, naquela circunstância, ele estava atuando como sujeito empírico, que processou cognitivamente a realidade daquela localidade geográfica. Dessa forma, dialogou com o meio externo na tentativa de tomar posse daquela realidade, tornando-a inteligível para ele.

Ugarte (2009) discute acerca das primeiras narrativas expedicionárias que adentraram a *Amazônia brasileira*. Naquele contexto de conquistas de povos e exploração de riquezas naturais, havia o jogo de interesses econômicos em que os conquistadores pleiteavam financiamento junto às coroas de Portugal e Espanha para outras viagens de conquista.

Fato que imprimiu aos textos dos conquistadores uma teia discursiva, tecida para projetar uma imagem positiva e convincente da viabilidade de investimentos financeiros numa hipotética e futura ação colonizadora. A ausência do interlocutor no espaço geográfico de onde o locutor comunicava, favoreceu uma prática discursiva permeada de subjetividades do locutor.

Ugarte (2009) diz que, em 1538, Diogo Nunes foi o primeiro conquistador cronista que esteve na região *amazônica*. E nessa ocasião escreveu o texto intitulado o *apontamento*, uma narrativa descritiva em que o conquistador cronista construiu argumentação, usando a nomeação dos objetos e entidades como estratégia descritiva; usou também os verbos na primeira pessoa para justificar sua tese de testemunha ocular das riquezas existentes na “Amazônia brasileira”, vale ressaltar as expressões como *era rica de ouro* e “[...] sem dúvida há nela muito ouro” utilizadas como tática persuasiva (UGARTE, 2009, p. 36).

Tais mecanismos linguísticos são recorrentes nos relatos de viagem, mostrando que os conquistadores cronistas dialogaram com o meio e com seus interlocutores, usando a competência linguística para produzir a concepção de lugar. Assim, a

Amazônia foi criada no campo do discurso, numa acepção de produção lexical e relação de sentidos.

Considerações finais

Diante do exposto, inferimos que a criação lexical no que concerne à produtividade lexical e à criatividade linguística são mecanismos que comportam uma série de outros mecanismos. Os aspectos intralinguísticos e extralinguísticos são de suma importância para a comunicação e expansão do léxico e, por conseguinte, para a estruturação do mundo por meio do conhecimento produzido pelas palavras e expressões lexicais.

Assim, os mecanismos próprios do sistema linguístico atuam concomitantemente com os mecanismos semânticos, numa acepção complementar, pois a “lexicologia construcionista” aborda a questão da forma e do significado que, atuando em consonância com o contexto, mobilizam as conceituações. Então, considerando a relação natural em que o conquistador escreveu suas crônicas, percebemos o falante operacionalizando a forma e o significado do signo, principalmente, no ato de nomear. Contexto no qual se sobressaem os neologismos tais como: criação lexical por empréstimo, por combinação, por derivação e por analogia. Logo, a função construcionista revela-se na significação do signo linguístico por parte do locutor e ressignificação por parte do interlocutor, fator que implica alterações diversas no sentido das palavras.

Fatores que justificam a preponderância da subjetividade do conquistador cronista explícita no discurso colonizador, já que o conquistador cronista, diante do ato de nomear, usufruiu de total liberdade para significar o signo, construindo, a partir do seu discurso, uma realidade paralela àquela que já existia antes de sua chegada. Assim, podemos dizer que a linguagem foi usada como *arma de guerra*⁴, pois em tal contexto verificamos a subjetividade do conquistador cronista subjugando a cultura dos indígenas os quais guerrearam contra os invasores de suas terras, mas a linguagem foi a principal e mais eficaz *arma* que o colonizador usou para consumir a conquista.

⁴ Cf. Mary Pratt, 2014, p. 308.

A produtividade lexical nos relatos de viagem demonstra que as escolhas linguísticas do sujeito falante são marcadas de forma veemente, explicitando a face da linguagem em que o sujeito atua na produção lexical, estabelecendo relações de sentido. As expressões e os itens lexicais que constam nos relatos explicitam que o conquistador cronista acessou seu próprio acervo lexical quando precisou nomear os objetos e os entes em geral.

Isso ocasionou a criação de uma concepção de lugar totalmente diferente da realidade, porque as descrições não contemplaram as características exatas do lugar. Pelo contrário, tais descrições são permeadas de itens lexicais de vários domínios discursivos, principalmente da religião do colonizador, com isso, criou-se uma ideia distorcida de um lugar permeado de singularidades não levadas em consideração.

Em suma, evidencia-se como a relação sujeito/contexto/linguagem influencia sobremaneira as relações de sentidos estabelecidas nos discursos. Além de revelar o entrecruzamento de várias culturas dentro de um único discurso. Fenômeno constatado na produtividade lexical dos relatos de viagem dos conquistadores da *Amazônia*. Assim, notamos como o ato de nomear é um fenômeno aparentemente simples, mas não é tão simples assim, pois como constatamos nos relatos de viagem dos conquistadores cronistas da obra *Sertão de Bárbaros* de Auxiliomar Silva Ugarte, a produtividade lexical e a criatividade linguística demonstram a gama de operacionalizações linguísticas que o usuário da língua executa no *simples* ato de nomear, Diante do exposto ressaltamos a relevância do estudo do léxico.

Referências

BASÍLIO, Margarida. **O princípio da analogia na constituição do léxico**: regras são clichês lexicais. In: Revista de Estudos Linguísticos. Vol I. Juiz de Fora, 2009.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria Linguística**, 2 ed. Martins Fontes, São Paulo, 2001.

_____. **A estruturação do léxico e a organização do conhecimento**. Porto Alegre, PUCRS, 1987. Disponível em: < 20Biderman%20_%20Letras%20de%20Hoje.html>. Acesso dia 29 de dez 2015.

BUENO, Magali Franco. **Natureza como representação da Amazônia**. Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, n. 23, jan./jun. de 2008. Disponível em: < <https://www.google.com.br/search?q=BUENO%2C+Magali+Franco.+Natureza+como+representa%C3%A7%C3%A3o+da+Amaz%3%B4nia.+Revista+Espa%C3%A7o+e+Cu>

Itura.+Rio+de+Janeiro%3A+UERJ%2C+n.+23%2C+jan.%2Fjun.+de+2008.> Acesso dia 17 de abril de 2016.

CALÇADA, Guiomar Fanganiello. **Rede de conhecimentos e campos lexicais: processos de reconceptualizações**. In: ISQUERDO, Aparecida Negri, GRIEGER, Maria da Graça (Orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Vol. II. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2004.

CORREIA, Margarita e ALMEIDA, Gladis M^a de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: parábola Editorial, 2012.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa**. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2^o Ed. UFMS, 2001.

_____. **A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil**. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume III. Campo Grande. Ed UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

LIMA, Wagner Ferreira. **A “lexicologia construcionista”**: uma proposta alternativa de estudo do léxico na linguagem em uso. In: ISQUERDO, Aparecida Negri, ALVES, Ieda Maria (orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume III. Campo Grande. Ed UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

LIMA, Simone Souza de. **Amazônia Babel** – Literatura, Corpos & Meio Ambiente. 2011. Disponível em <

http://www.celpecyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=87&id=909#_ftn4> . Acesso em: 07 de janeiro de 2015.

PRATT, Mary Louise. **Fuerza e fraude: la lingüística de la guerra y ecología del discurso**. In: ALBURQUERQUE, Gerson Rodrigues, ANTONACCI, Maria Antonieta (Orgs). *Desde as Amazônias colóquios*. Volume II. Rio Branco. Ed Nepan, 2014

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo, 2005.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas na Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI e XVII**. Manaus: Valer, 2009.